
Entrevista de Domingo

Matéria publicada em 09/02/14

Nobolo Mori

Mais de 60 anos de dedicação à medicina

Aos 90 anos de idade, o fundador do Hospital Ipiranga ainda trabalha oito horas por dia como médico e é um exemplo de saúde e vitalidade

Noemia Alves
Da Reportagem Local

Erick Paiatto



" Eu tinha de ser médico. Acho que, se não fosse médico, provavelmente, seria padre, que também é outro ofício que ajuda a salvar vidas"

Nome: Nobolo Mori

Idade: 90 anos

Profissão: Médico (clínico e cirurgião geral)

Estado civil: Viúvo

Pensamento: "Em tudo, o que importa é o nosso sentimento. A intenção, boa ou má, influencia diretamente a nossa vida no futuro. Qualquer ação, por mais simples que seja, se feita com coração, produz benefícios na vida das pessoas" (Buda)

Por que Mogi? "É uma bela cidade, tem o rio Tietê, a Serra do Itapeti. Além disso, é onde meus pais moraram e onde está a minha vida, a minha família"

Que o médico Nobolo Mori é um exemplo e referência de cidadania e vitalidade ninguém duvida. Afinal, do auge de seus 90 anos, o senhor de corpo franzino enfrenta, com muita disposição e simpatia, uma jornada diária de trabalho de mais de oito horas em seu consultório no Hospital e Maternidade Ipiranga, fundado por

ele na década de 1950; além disso, faz regularmente exercícios físicos e caminhada e, ainda, dedica-se periodicamente a investimentos e estudos no Instituto de Moralogia do Brasil, instituição fundada por ele há 50 anos, na Serra do Itapeti, voltada para o estudo e a difusão da moral e que tem como objetivo preparar o homem para uma nova etapa da história do mundo, em que o atual homo sapiens será substituído pelo homo moralis, um ser voltado para aplicação dos conceitos da moral ao longo de sua existência.

Nascido em Birigui, no interior do Estado, e filho do casal de imigrantes Tozuke e Kese, Mori começou a trabalhar ainda criança. Mudou-se para Mogi, aos 14 anos, para "concluir os estudos" no Instituto Educacional Washington Luís. Por determinação do pai, fez faculdade de Medicina no Rio de Janeiro, formando-se em 1953. E voltou a Mogi para tornar-se um dos principais cirurgiões da cidade, membro da Academia de Medicina de São Paulo.

Durante os mais de 60 anos de vida profissional, Nobolo recebeu diversas homenagens e honrarias: título de Cidadão Mogiano; a comenda do Mérito Cívico e Cultural, Grão Mestre da Ordem do Ipiranga, outorgada pelo Governo do Estado de São Paulo; a comenda Ordem do Sol Nascente Ramos Dourados e Prateados do Governo do Japão e, mais recentemente, recebeu o diploma de Honra ao Mérito concedido pelo Grupo Parlamentar Brasil-Japão, indicado pelo deputado federal Junji Abe (PSD).

Ex-vice prefeito de Mogi entre 1977 e 1982, ao lado de Waldemar Costa Filho, Mori é também um apaixonado pelo golfe, esporte que ajuda a manter sua esplêndida forma física e mental.

Mogi News: Como o senhor e sua família chegaram a Mogi das Cruzes?

Nobolo Mori: Meus pais estavam entre os primeiros imigrantes a chegar ao Brasil. Mamãe foi a segunda japonesa e papai o terceiro. Eles se conheceram em Três Lagoas (MS), ca-saram-se e compraram u-ma fazenda em Birigui pa-ra o cultivo de café. Foi lá onde nasci: no dia 6 de janeiro de 1925, no dia de Reis Magos, antes da estre-la da manhã (Vênus) desaparecer no céu da flores-ta Birigui. Passei grande parte da minha infância trabalhando no cafezal. Somente aos 14 anos, meus pais decidiram mudar para Mogi das Cruzes para que eu pudesse cursar o colegial no Instituto Dr. Washington Luís. Desde então, não saímos mais da cidade. A não ser, é claro, para fazer faculdade de Medicina no Rio de Janeiro. Depois, voltei para Mogi e permaneci.

MN: Como surgiu a decisão de tornar-se médico?

Mori: Na verdade, a decisão foi do meu pai, assim que nasci. Como eu era obediente e gostava de ajudar o próximo, procurei não contestar a decisão e fiz de

tudo para cumprir meu destino. Além disso, foi na Medicina que fiz meus grandes amigos; alguns mais famosos, como o carismático professor Pitanguy (Ivo Hécio Jardim de Campos) - mestre nato. Também por meio da Medicina é que conheci a minha esposa e eterna companheira Mieko (Koike Mori, ginecologista, já falecida). Eu tinha de ser médico. Acho que, se não fosse médico, provavelmente, seria padre, que também é outro ofício que ajuda a salvar vidas (risos).

MN: Como foi o início da sua carreira em Mogi?

Mori: Após um ano e alguns meses de formado, resolvi me estabelecer em Mogi. Meus pais residiam nessa cidade e eu tinha o intuito de retribuir algo aos genitores. Ao chegar, fui convidado a exercer as funções de diretor-clínico da Santa Casa, onde, sob a direção do provedor Anésio Urbano, foi construído um novo prédio. Era 1953, não havia outro hospital público na cidade. Então, eu fazia atendimento permanente na unidade. Ficava dia e noite trabalhando.

MN: Como surgiu a ideia de implantar o Hospital e Maternidade Ipiranga?

Mori: A ideia inicial era fazer uma clínica, onde minha mulher e eu pudéssemos trabalhar, de maneira humana e eficiente. Contudo, o projeto cresceu e acabamos montando o hospital. Então, vieram meus filhos, Sidney e Liliam, que também se tornaram médicos e passaram atuar na unidade.

MN: Por suas mãos, passaram várias personalidades da cidade. Algum caso lhe chamou atenção?

Mori: Muita coisa acontece em mais de 60 anos de profissão. São muitos nascimentos, cirurgias... Nem sei bem quantos pacientes atendi e continuo atendendo ao longo desse período. Muitos pacientes são como o Junji (Abe, ex-prefeito de Mogi e agora deputado federal), que vieram ainda pequenos e ainda são meus pacientes. Aliás, da família do Junji, atendi quatro gerações: avós, o pai, o Junji e o filho dele, o Juliano... O mesmo aconteceu com o Waldemar (Costa Filho) e o Boy (Valdemar Costa Neto), entre tantos outros.

MN: Como avalia sua atuação na política, como vice do então prefeito Waldemar Costa Filho?

Mori: Foi minha primeira e, acredito, a única atuação na política mogiana. Não que eu não tenha gostado, pelo contrário, mas acredito que minha vocação mesmo é realmente ajudar a salvar gente, ser um bom médico. Só aceitei ser vice-prefeito porque o convite foi do Waldemar, que era muito amigo meu. Nós nos conhecemos na Mineração Caravelas: ele, chefe do Departamento Pessoal; e eu era médico da empresa. Ficamos amigos muito próximos. E, quando ele me chamou para ser vice dele em 1989, aceitei, de pronto... Sabia que Mogi tinha muitos problemas, que a cidade já era bem grande, mas confiava no Waldemar e

ele fez um bom trabalho. Aprendi muitas coisas com ele. Quando ele ficou doente, assumi por pouco tempo a Prefeitura e vivenciei uma experiência interessante. Mas política, hoje, prefiro não me envolver.

MN: Qual é o segredo para tanta vitalidade?

Mori: Acredito que Deus foi muito bom comigo, pois hoje estar com 90 anos e não ter nenhuma doença é muito bom (risos). Eu me sinto abençoado, porque a complicação mais grave que tive foi por conta de uma apendicite. Não sei bem se é um segredo, mas ser temente a Deus e ter sua proteção é um fator que ajuda muito, assim como uma boa alimentação e exercícios regulares. Se depender de mim, passo dos 100 anos (risos).

MN: Como foi seu encontro com o papa Bento XVI?

Mori: Sou católico e crente em Cristo. Fui para Roma, no Vaticano, e, com o auxílio de um amigo, consegui uma atenção do papa, mas foi muito rápido. Ele apenas estendeu a mão e deu a benção... Um gesto simples, mas muito significativo.